

INFLAÇÃO

Análise e projeções de inflação

Sumário

Os dados mais recentes mostram que as taxas de inflação brasileiras seguem bastante pressionadas, combinando significativa aceleração de preços monitorados, inflação de alimentos e bens industriais em patamares elevados e um movimento inicial de recomposição dos preços dos serviços. No acumulado do ano, até julho, a alta de 4,76%, apontada pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), já ultrapassa o centro da meta de inflação (3,75%) e vem contribuindo para a elevação das projeções inflacionárias para 2021, que já se encontram acima de 7,0%.

Parte dessa pressão inflacionária já era esperada, especialmente dos preços monitorados – dado o represamento de reajustes em 2020. No entanto, as sucessivas altas das cotações das *commodities* no mercado internacional e os eventos climáticos adversos – a longa estiagem e a ocorrência de geadas em regiões de produção agrícola – surpreenderam negativamente e desencadearam novos aumentos de preços de alimentos e de energia. Adicionalmente, a recuperação do mercado de trabalho formal e o relaxamento das medidas de distanciamento social, em razão do avanço da vacinação, trouxeram, nos últimos meses, um maior dinamismo ao setor de serviços, gerando margem para uma recomposição de preços nesse segmento.

Balizadas por esse novo conjunto de pontos de pressão inflacionária ainda não dissipados, as projeções de inflação do Grupo de Conjuntura do Ipea foram revistas para cima. Por certo, mesmo diante da perspectiva de uma desaceleração da inflação nos próximos meses, comparativamente ao que foi observado nos mesmos períodos em 2020, a previsão para o IPCA em 2021 foi alterada de 5,9% (como publicado na visão geral da conjuntura, de junho)¹ para 7,1%.

Além da expectativa de reajustes mais acentuados para a gasolina e a energia elétrica – cujo efeito gerou uma elevação da projeção de preços monitorados de 9,5% para 11,0% –, a perspectiva de continuidade de alta nos preços dos alimentos no mercado internacional, especialmente das proteínas animais, aliada à variação recente maior que prevíamos, elevou a projeção de alimentos no domicílio de 5,0% para 6,9%. De modo semelhante, a pressão vinda pela aceleração das matérias-primas no mercado internacional, combinada com o aumento da utilização da capacidade instalada na indústria e os estoques abaixo do nível desejado, deve manter os preços dos bens industriais pressionados, de forma que a projeção de inflação desse segmento passou de 4,8% para 6,6%. Por fim, a retomada dos serviços gerou uma elevação da inflação desse segmento em ritmo maior que o esperado inicialmente – com isso, a previsão subiu de 4,0% para 5,0%. Assim como ocorrido com o IPCA,

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Marcelo Lima de Moraes

Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

marcelo.moraes@ipea.gov.br

Carolina Ripoli

Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

carolina.ripoli@ipea.gov.br

José Ronaldo Castro Souza Junior

Diretor na Dimac/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

Divulgado em 24 de agosto de 2021.

1. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/06/visao-geral-da-conjuntura-11/>>.

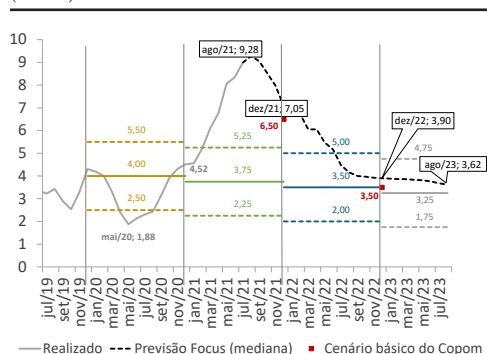
as previsões do Grupo de Conjuntura do Ipea para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) também foram revistas, de modo que a variação esperada para 2021 aumentou 1,3 ponto percentual (p.p.), passando de 5,1% para 6,4%.

Para 2022, as expectativas estão ancoradas em uma acomodação nos preços internacionais das *commodities* e na baixa probabilidade de um fenômeno La Niña intenso, gerando, por conseguinte, menor pressão sobre alimentos, combustíveis e energia elétrica. Adicionalmente, em que pese uma retomada mais forte do mercado de trabalho e seus efeitos positivos sobre a demanda, a sinalização de continuidade da trajetória de alta de juros deve agir no sentido de atenuar as variações de preços de bens e serviços, de forma que as taxas projetadas para o IPCA e o INPC são de 4,1% e 3,9%, respectivamente. Ressalta-se, no entanto, que os riscos à inflação em 2022 seguem associados aos preços das *commodities* e à taxa de câmbio.

1 Inflação: Aspectos gerais e projeções

Ao longo do último trimestre, a inflação brasileira voltou a surpreender negativamente, impactada pela alta maior que a esperada dos preços monitorados e pela recuperação mais forte dos bens e serviços. No acumulado do ano, a alta de 4,76% registrada pelo IPCA já ultrapassa o centro da meta de inflação (3,75%) e vem contribuindo para uma elevação contínua das expectativas inflacionárias do mercado para 2021, que já estão acima de 7,0% (gráfico 1), de acordo com o relatório Focus do Banco Central do Brasil (BCB).

GRÁFICO 1
IPCA: realizado e previsto – taxa de variação acumulada em doze meses (Em %)



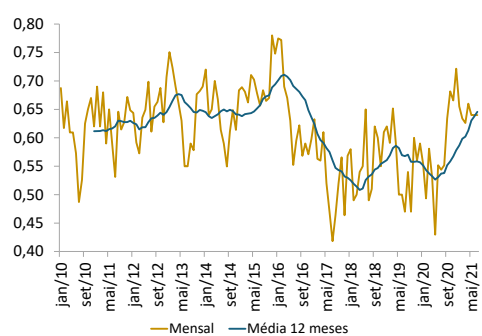
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: Projeções do Focus com data de 13 de agosto de 2021. Copom de 4 de agosto de 2021.

Esse cenário de maior pressão inflacionária vem sendo corroborado tanto pelo índice de difusão quanto pelos indicadores de núcleo da inflação. Em relação ao indicador de difusão, nota-se que, a partir do segundo semestre de 2020, a proporção dos itens que compõem o IPCA com variação positiva vem aumentando de forma continuada, sinalizando que a alta de preços vem se espalhando entre os diversos segmentos da economia (gráfico 2). De modo semelhante, as medidas de núcleo de inflação também registram uma trajetória de aceleração, de forma que, na média, a variação acumulada em doze meses desses indicadores aponta taxa de 5,32% (gráfico 3), alcançando patamar acima do definido como limite superior da banda inflacionária (5,25%).

Na desagregação do IPCA, observa-se que, embora parte da alta acumulada nos últimos doze meses ainda esteja influenciada pela forte aceleração dos alimentos ocorrida, principalmente, no segundo semestre de 2020, o comportamento dos preços monitorados, especialmente da energia e da gasolina, é o principal foco de pressão ao longo deste ano (gráfico 4). De acordo com o mapa de calor (tabela

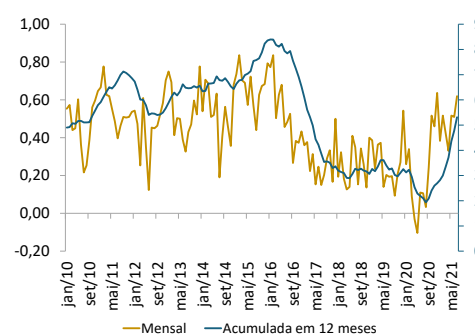
1), as variações mensais dessazonalizadas do IPCA mostram que o desempenho da inflação em 2021 vem sendo significativamente afetado pela piora no comportamento dos preços monitorados, devido, entre outros fatores, aos reajustes de 9,4% da energia e de 27,5% da gasolina, no acumulado do ano. Adicionalmente, mesmo que em menor intensidade, a alta dos bens industriais, principalmente no trimestre maio-julho, também ajuda a explicar esse desempenho pior da inflação nos meses mais recentes. Assim como vem ocorrendo com os combustíveis, os sucessivos reajustes dos bens de consumo refletem a manutenção de um quadro de forte crescimento das *commodities* no mercado mundial e seus impactos sobre os custos de produção (gráfico 5). Ademais, o aumento da utilização da capacidade instalada na indústria e os estoques abaixo do nível desejado ajudam a explicar esse quadro de alta em 2021.

GRÁFICO 2
Indicador de difusão do IPCA – mensal e média móvel em doze meses



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

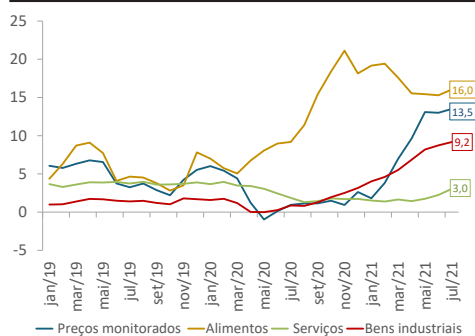
GRÁFICO 3
IPCA: medidas de núcleo de inflação – mensal e média móvel em doze meses (Em %)



Fonte: BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota-se também que essa pressão inflacionária exercida pela elevação das *commodities* é ainda mais evidente no comportamento dos preços no atacado. De fato, em que pese uma leve desaceleração na margem, no acumulado em doze meses, os preços ao produtor, tanto agrícolas quanto industriais, registram variações superiores a 40% (gráfico 6), sinalizando que parte dos reajustes represados no atacado ainda pode ser repassada ao varejo.

GRÁFICO 4
IPCA por categorias – taxa de variação acumulada em doze meses (Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 1

IPCA por categorias – variação mensal dessazonalizada
(Em %)

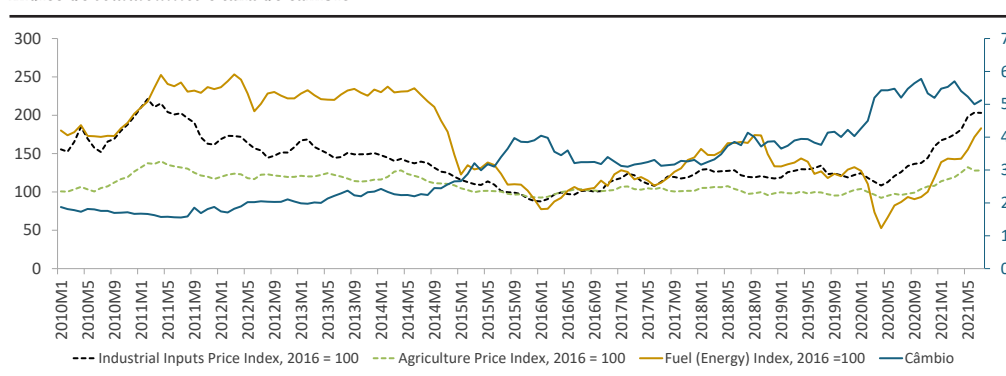
	ago/20	set/20	out/20	nov/20	dez/20	jan/21	fev/21	mar/21	abr/21	mai/21	jun/21	jul/21
IPCA	0,44	0,74	0,76	0,74	0,93	0,23	0,75	0,86	0,56	0,94	0,80	0,92
Preços monitorados	0,81	0,34	0,42	0,20	2,34	-0,38	1,81	3,08	0,37	1,53	0,95	1,26
Alimentos	1,85	3,15	2,24	2,76	1,62	0,62	0,54	-0,48	0,28	0,65	0,85	1,07
Serviços	-0,10	0,11	0,62	0,25	0,33	0,03	0,10	0,26	0,15	0,29	0,33	0,65
Bens industriais	0,16	0,48	0,67	0,61	0,67	0,79	0,78	0,85	0,59	1,34	0,86	1,00

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5

Índice de commodities e taxa de câmbio



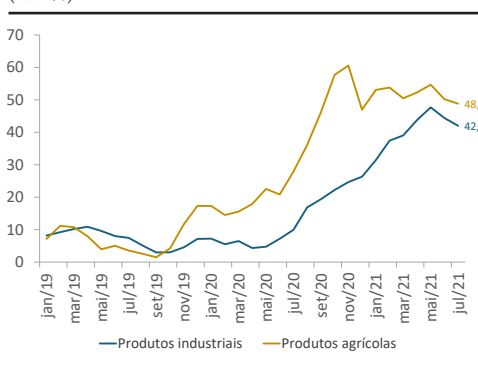
Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI) e BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Dentro desse cenário de pressões inflacionárias, mesmo diante da perspectiva de um desempenho melhor dos índices de preços nos próximos meses, comparativamente aos observados nos mesmos períodos em 2020 (gráfico 7), as projeções do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea indicam um comportamento menos benigno do IPCA em 2021, dado que a taxa de variação estimada para o ano corrente, de 7,1%, situa-se acima da projetada na edição anterior da visão geral da *Carta de Conjuntura* (5,9%). Além da expectativa de uma alta maior para os preços monitorados – 11,0% ante 9,5%, estimada anteriormente –, o aumento nas previsões da inflação dos bens industriais e dos serviços livres, exceto educação, que avançaram de 4,8% e 4,4% para 6,6% e 5,0%, respectivamente, explica esse incremento na taxa de variação esperada para o IPCA este ano (tabela 2).

GRÁFICO 6

IPA – variação acumulada em doze meses
(Em %)



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV).

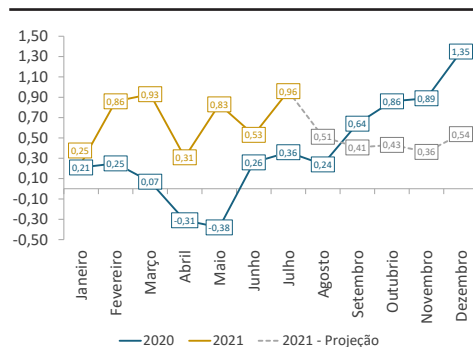
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De modo semelhante, a previsão para o INPC em 2021 também foi revista para cima, avançando de 5,1% para 6,4% (tabela 3). Segundo as previsões da Dimac, o aumento da inflação medida por esse índice, cujo escopo abarca famílias residentes

nas áreas urbanas que ganham de um a cinco salários mínimos (SMs), virá, sobretudo, de uma pressão maior dos preços monitorados e dos alimentos, cujas altas previstas de 10,5% e 7,9%, atingiram patamares superiores aos projetados anteriormente – 9,2% e 5,2%, respectivamente. Para os bens livres, exceto alimentos, e para os serviços livres, exceto educação, as previsões saltaram de 3,1% e 3,5% para 4,0% e 4,4%.

Se a revisão da projeção de preços monitorados veio de reajustes maiores que os esperados anteriormente para a energia e para os combustíveis, o aumento da inflação estimada para os bens e serviços reflete a combinação entre *commodities* em patamares ainda mais elevados que os registrados no trimestre passado e a recomposição mais rápida nos preços dos serviços.

GRÁFICO 7
IPCA – variação mensal realizada e prevista
(Em %)



Fonte: IBGE e Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2
IPCA – projeção para 2021
(Em % e p.p.)

	Peso atual	Projeção anterior		Projeção atual	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2021	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2021
Alimentos no domicílio	15,2	5,0%	0,8	6,9%	1,0
Bens Livres - exceto alimentos	22,8	4,8%	1,1	6,6%	1,5
Serviços - exceto educação	30,7	4,2%	1,3	5,0%	1,5
Educação	5,4	3,8%	0,2	3,8%	0,2
Monitorados	25,9	9,7%	2,5	11,0%	2,8
IPCA	100,0	5,9%		7,1%	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac.

TABELA 3
INPC – projeção para 2021
(Em % e p.p.)

	Peso atual	Projeção anterior		Projeção atual	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2021	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2021
Alimentos no domicílio	18,5	5,2%	1,0	7,9%	1,5
Bens Livres - exceto alimentos	25,9	3,1%	0,8	4,0%	1,0
Serviços - exceto educação	24,9	3,5%	0,9	4,4%	1,1
Educação	4,3	1,0%	0,0	1,2%	0,1
Monitorados	26,4	9,2%	2,4	10,5%	2,8
INPC	100,0	5,1%		6,4%	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, ressalta-se que esse movimento de alta inflacionária maior, mais difusa e mais persistente em 2021 já começa a contaminar as estimativas para 2022. De fato, mesmo diante de um cenário que prevê desaceleração da inflação, o Grupo de Conjuntura do Ipea projeta uma alta de 4,1% para o IPCA no ano que vem, acima, portanto do centro da meta de inflação (3,5%). Para o INPC, a variação prevista é um pouco menor (3,9%) e decorre da composição inflacionária esperada para 2022, mais pressionada pelos serviços livres.

2 Inflação de alimentos



O comportamento recente dos preços dos alimentos, tanto no atacado quanto no varejo, sinaliza que, embora o cenário esperado de desaceleração inflacionária no segundo semestre deste ano ainda se mantenha, a intensidade deve ser um pouco menor que a projetada anteriormente. De fato, após registrar quatro quedas consecutivas – de março a junho –, a curva de variação acumulada em doze meses apontou leve aceleração em julho, passando de 15,3% para 16%. Na desagregação entre os segmentos que compõem esse grupo de produtos (tabela 4), observa-se que, nos últimos meses, as maiores pressões se encontram nos subgrupos das proteínas animais e dos derivados de trigo e milho, refletindo não apenas a alta dos preços internacionais, mas também os efeitos climáticos e o aumento dos custos de produção.

TABELA 4
IPCA: alimentos no domicílio por segmentos – variação mensal dessazonalizada
 (Em %)

	ago/20	set/20	out/20	nov/20	dez/20	jan/21	fev/21	mar/21	abr/21	mai/21	jun/21	jul/21
Alimentação no domicílio - Total	1,85	3,15	2,24	2,76	1,62	0,62	0,54	-0,48	0,28	0,65	0,85	1,07
Cereais, leguminosas e oleaginosas	1,28	13,40	10,20	5,75	3,21	0,75	-0,86	-1,21	-1,58	-1,42	-1,55	-1,10
Farinhas, féculas e massas	-0,25	1,41	0,03	0,93	1,04	0,46	0,61	0,51	0,55	0,82	1,03	1,42
Tubérculos, raízes e legumes	2,74	6,03	5,07	14,04	-3,64	0,19	-4,32	-11,47	-4,81	-2,54	-6,31	5,59
Açúcares e derivados	1,06	2,25	0,52	1,43	1,73	0,43	0,63	1,23	2,94	0,78	1,31	1,21
Hortaliças e verduras	0,62	3,14	0,94	2,40	0,95	0,39	0,52	-0,17	-1,77	2,19	0,01	-0,34
Frutas	2,65	-1,47	2,02	2,18	3,44	0,10	0,53	-1,93	-4,14	-3,65	-0,63	0,39
Carnes	4,45	3,97	3,51	6,02	1,85	-0,30	2,80	1,32	1,24	2,15	1,59	1,40
Pescados	0,78	-0,13	-0,09	0,85	-0,28	-0,71	0,43	0,09	-0,18	0,24	1,13	1,24
Carnes e peixes industrializados	1,78	3,02	0,60	2,20	1,94	0,80	1,80	0,02	0,79	1,86	1,07	2,14
Aves e ovos	1,24	1,79	0,94	2,91	1,36	0,60	1,01	0,66	1,13	1,69	1,92	2,67
Leites e derivados	2,46	4,16	1,31	0,59	1,28	0,58	-0,65	-0,52	0,69	0,11	1,48	1,01
Panificados	0,65	0,36	0,09	1,14	0,64	0,70	0,49	1,20	0,63	0,05	1,20	0,68
Óleos e gorduras	6,41	15,97	10,72	6,20	3,88	-0,05	-0,30	-0,74	1,81	1,95	0,27	0,70
Bebidas e infusões	0,20	0,56	0,37	0,79	0,51	0,94	0,38	-0,15	0,47	1,04	0,92	0,69
Enlatados e conservas	0,38	2,09	1,55	1,92	2,74	-0,02	0,77	0,64	0,74	0,84	0,81	0,39
Sal e condimentos	-3,82	0,31	0,07	0,58	0,63	0,08	0,75	-0,04	0,69	0,51	-0,82	-0,39

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Se, por um lado, a demanda mundial por alimentos mantém os principais preços agrícolas em patamar elevado no mercado internacional, por outro, a ocorrência de uma edição mais intensa do fenômeno La Niña desde o segundo semestre do ano passado vem gerando uma pressão sobre os preços internos, principalmente devido à seca que atrasou o início do plantio de soja da safra 2020-2021 e prejudicou o ciclo do milho, especialmente em seu segundo período do ano – como analisado na *Nota de Conjuntura* nº 14.² O La Niña também levou a um inverno mais longo e mais frio este ano, inclusive com geadas na região centro-sul, com impacto adverso sobre as lavouras de café, feijão e cana-de-açúcar. No caso das proteínas, observa-se que, enquanto o aumento da carne bovina é decorrente de uma redução do aba-

2. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/08/mercados-e-precos-agropecuarios-2/>>.

te de animais e do crescimento das exportações, os reajustes das aves e dos ovos refletem, além do efeito substituição ao consumo da carne bovina, uma elevação nos custos de produção, especialmente da ração e dos medicamentos veterinários, que, no acumulado do ano, registram alta de 8,6% e 7,3%, respectivamente. Além desses dois insumos, os aumentos do adubo (73,2%), de máquinas e equipamentos agrícolas (28,3%) e dos silos agrícolas (42,5%), nos primeiros sete meses do ano, ajudam a explicar esse quadro de aceleração nos custos de produção dos alimentos, mesmo em um contexto de apreciação cambial (1,6%).

Dentro dessa perspectiva de um comportamento menos benevolente para os alimentos em 2021 que o esperado inicialmente, as previsões do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para a inflação dos alimentos no domicílio, medida tanto pelo IPCA quanto pelo INPC, foram revistas para cima, avançando de 5,0% e 5,2% para 6,9% e 7,9%, respectivamente.

3 Inflação de bens e serviços

Embora a recomposição dos preços dos bens industriais já esteja ocorrendo desde julho de 2020, ao longo dos últimos meses, observa-se uma aceleração dessa trajetória de alta. No acumulado em doze meses, a variação desse grupo saltou de 5,5% em março para 9,2% em julho. Assim como verificado com os alimentos, a alta dos custos de produção, dado o aumento nos preços das matérias-primas no mercado internacional, vem sendo o principal fator de pressão inflacionária. De acordo com a decomposição desse grupo de produtos, observa-se que, nos últimos meses, vem ocorrendo um crescimento de preços mais disseminado entre todas as categorias (tabela 5). No entanto, no acumulado do ano, os bens de consumo não duráveis são os que registram a maior alta (5,7%), refletindo, sobretudo, a forte elevação nos preços dos materiais de construção – material hidráulico (19,7%), ferragens (14,1%) e revestimentos (13,6%) —, além dos aumentos nos materiais de limpeza (3,1%) e higiene pessoal (2,6%). Em relação aos bens de consumo duráveis, a alta de 5,4%, em 2021, é explicada, em grande parte, pelos reajustes de 8,3% dos equipamentos de som, TV e informática e de 5,9% dos automóveis. Por fim, a inflação de 4,3%, dos bens de consumo semiduráveis no período vem sendo impactada pela alta de 3,8% dos itens de vestuário, além do aumento de 8,6% dos artigos de cama, mesa e banho.

TABELA 5
IPCA: bens industriais por categorias – variação mensal dessazonalizada
 (Em %)

	ago/20	set/20	out/20	nov/20	dez/20	jan/21	fev/21	mar/21	abr/21	mai/21	jun/21	jul/21
Bens duráveis	-0,01	0,65	0,82	0,84	1,00	0,78	0,40	0,79	0,82	0,97	0,76	0,78
Bens semi duráveis	-0,55	0,29	0,67	0,24	0,35	0,64	0,72	0,33	0,49	0,75	1,02	1,09
Bens não duráveis	0,87	0,73	0,86	0,79	0,86	0,60	0,40	1,06	0,40	2,19	0,80	0,63

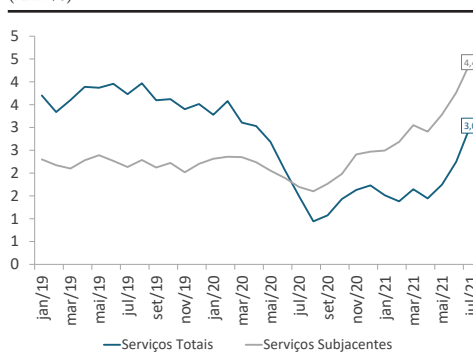
Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No que diz respeito aos serviços livres, os dados revelam está havendo um aumento acima do esperado no ritmo de crescimento dos preços desse segmento,

cuja inflação acumulada em doze meses avançou de 1,4% para 3,0% (gráfico 8). De modo similar, observa-se a mesma dinâmica de aceleração nos serviços subjacentes,³ com alta de 4,4% nos últimos doze meses, tendo em vista que nesse segmento não está contemplada a deflação de 1,7% das mensalidades escolares ocorrida no período.

No acumulado do ano, a inflação de serviços aponta variação de 1,5%, impactada principalmente pelos aumentos de 4,2% da alimentação fora do domicílio e de 2,6% dos serviços residenciais (tabela 6). Em contrapartida, a queda de 25,9% das passagens aéreas e de 16,9% do transporte por aplicativo em 2021 vem gerando um alívio sobre os preços dos serviços de transporte, que registram deflação de 3,4% no período.

GRÁFICO 8
IPCA: inflação de serviços livres – variação acumulada em doze meses
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 6
IPCA de serviços livres por subgrupos – variação mensal e acumulada
 (Em %)

	Variação Mensal			Variação acumulada	
	mai/21	jun/21	jul/21	Ano	12 meses
Alimentação	0,98	0,66	0,14	4,2	6,7
Residenciais	-0,14	0,52	0,76	2,6	3,9
Transportes	-3,83	-0,71	4,62	-3,4	6,9
Médicos	0,21	0,37	0,31	2,2	3,9
Pessoais e recreação	0,15	0,27	0,33	1,0	1,9
Educação	0,04	0,00	0,03	2,3	-1,3
Comunicação	0,08	0,00	0,01	0,1	1,5

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para o restante do ano, embora as tendências projetadas não tenham se alterado – ou seja, mantém-se a expectativa de desaceleração na taxa de crescimento dos bens industriais e de aceleração na dos serviços –, as previsões do Grupo de Conjuntura para a inflação desses dois segmentos foram revistas para cima, dada a alta mais forte que a estimada nos sete primeiros meses de 2021. De acordo com os modelos utilizados, a inflação dos bens livres, no IPCA, avançou de 4,8% para 6,6%, ao passo que, no INPC, a variação passou de 3,1% para 4,0%. Em relação aos serviços livres, exceto educação, a taxa estimada saltou de 4,2% para 5,0% no IPCA e de 3,5% para 4,4% no INPC.

4 Inflação de preços monitorados

Nos últimos doze meses, encerrados em julho, os preços monitorados acumulam alta de 13,5%, mas deve-se pontuar que grande parte dessa aceleração vem ocorrendo em 2021, tendo em vista que, no acumulado do ano, a inflação apurada nes-

3. Metodologia desenvolvida pelo BCB que exclui a influência de três conjuntos de itens – passagens aéreas, hotel e excursão; empregado doméstico e mão de obra na residência; e cursos regulares e diversos, internet, telefone e TV a cabo.

se segmento é de 9,5%, pressionada pelos aumentos de 9,4% da energia, de 27,5% da gasolina e de 20,9% do gás de botijão (tabela 7). Se, por um lado, grande parte dessa elevação já estivesse prevista, por outro, a intensidade dos reajustes verificados ao longo deste ano vem surpreendendo com altas acima do esperado. Além da piora no comportamento do petróleo, cuja trajetória de alta em 2021 se mostrou mais intensa que a projetada inicialmente, a forte estiagem provocada pelo La Niña levou não só à necessidade do uso de termelétricas como também à adoção de reajustes na tarifa paga na bandeira vermelha. Em contrapartida, a queda de 1,4% nos planos de saúde, em julho, e a ainda baixa incidência dos reajustes dos transportes públicos em 2021 vêm atuando como pontos de alívio inflacionário, evitando uma aceleração ainda mais significativa dos preços monitorados este ano.

TABELA 7
IPCA: inflação de preços monitorados – variação mensal e acumulada
 (Em %)

	Variação Mensal			Variação acumulada	
	mai/21	jun/21	jul/21	Ano	12 meses
Gás de botijão	1,24	1,58	4,17	20,9	29,3
Energia elétrica residencial	5,37	1,95	7,88	9,4	20,1
Ônibus urbano	0,30	0,00	0,38	1,3	1,0
Gasolina	2,87	0,69	1,55	27,5	39,7
Produtos farmacêuticos	1,47	0,26	-0,59	3,8	3,1
Plano de saúde	0,67	0,67	-1,36	2,7	0,9

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Como consequência dessa alta de preços ainda mais acentuada, as previsões para a inflação dos preços monitorados em 2021 foram novamente revisadas, de modo que a variação prevista para esse conjunto de preços no IPCA aumentou de 9,7% para 11,0%. No caso do INPC, a nova previsão indica alta de 10,5% ante taxa de 9,2% projetada anteriormente.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)



Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Cristiano da Costa Silva
Sidney Martins Caetano
Tarciso Gouveia da Silva

Equipe de Assistentes:

Caio Rodrigues Gomes Leite
Carolina Ripoli
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Marcelo Lima de Moraes
Marcelo Vilas Boas de Castro
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.